

Os avatares da função psicanalítica

Maria Emília Lino da Silva

A função psicanalítica não é privilégio da Psicanálise, embora somente com esta tenha atingido sua plena expressão. Através das figuras do Adepto, do Rebelde e do Aprendiz, será que ela permanece igual a si mesma?

Embora o significado mais corrente do termo *avatar* sugira *transformação* e *metamorfose*, preferi focalizá-lo, aqui, em sua acepção de *encarnação da divindade*, invocando assim a imagem de uma Função Psicanalítica idealizada que às vezes se apresenta em carne e osso na pessoa de um Mestre, investido como tal por seus discípulos. É para esse investimento que lhes peço a atenção.

“Não sabem que vim para lhes trazer a peste”, disse Freud ao chegar para as conferências na Clark University, referindo-se à disciplina que pretende tornar conhecido o incognoscível. A citação cabe aqui evocando como *peste* a atração e o medo infundidos pelo trabalho de analisar a alma. Como Dante, preferimos ter um guia muito bom por perto, quando ousamos repetir a epígrafe da *Interpretação de Sonhos*: “Se não posso conclamar as Alturas, invocarei os Infernos”.

Tal necessidade mostra-se legítima e adequada,

merecendo o título de silvestre o psicanalista autodidata. Como o rosto, a alma também requer um outro que exerça o papel de mediador para fazer-se perceptível a seu detentor. São necessárias, à formação do psicanalista, as pessoas do seu analista, do supervisor, do professor. São inerentes ao processo as diversas formas e graus de transferência ocorrendo nesse aprendizado, como em qualquer atividade humana. O que não significa que tal processo não possa ou não deva ser submetido, também ele, a uma análise.

Assim como a ciência é uma evolução do senso comum, a partir da utilização da metodologia científica, também a psicanálise é uma evolução da função psica-

Maria Emília Lino da Silva é psicanalista em São Paulo. Doutora em Ciências pelo Instituto de Psicologia da USP. Professora de Pós-Graduação em Psicologia Clínica na PUCSP e na PUCAMP. Autora do livro *Pensando o pensar com W.R. Bion* e coordenadora do livro *Investigação e Psicanálise*.

nalítica da personalidade, a partir da aplicação do método psicanalítico. Sem este, a função psicanalítica é aquela atividade mental que tem recebido diferentes nomes, tais como reflexão, introspecção, exame de consciência ou mesmo o famoso conhecimento da alma humana, que faz o sucesso de artistas que conseguem colocar em palavras aquilo que o seu público ouve como a mais pura verdade, e que os estudiosos da psique não se cansam depois de citar.

Em determinadas circunstâncias, porém, que variam de maneiras muito diversas, essa função deve

Em todo caso, tanto em um como em outro elemento da dupla, trata-se de uma vocação para o intelectual, para ter a palavra como veículo de conhecimentos e mudanças. A ação sobre o ambiente e as suas consequências vão para um segundo plano, e o agir cede sua força vital para o pensar e o falar sobre, o falar com.

O drama da vida passa a ser vivido segundo a cenografia do como se, transferida da vida concreta, cotidiana, onde as coisas realmente importam, para esse curioso palco onde as ações devem ser apenas recitadas. O objetivo, o que

perpetuamente a se renovar, ele se estiola e se congela caso se cristalice em um momento feliz, em um achado precioso. Pois uma consequência da subjetividade onipresente em todo pensar é a impossibilidade de alcançar uma verdade, um porto seguro onde nosso pensamento possa descansar daí em diante.

Para alguns esta afirmação pode soar como uma condenação desanimadora: não adianta caminhar, se jamais chegaremos! Para outros, entretanto, é excitante: apesar de todos os gênios com que os milênios de cultura têm nos brindado, há lugar para todos, e alguma contribuição sempre posso dar com o meu trabalho.

Um novo paradoxo: investigar é partir para a conquista de terrenos ignotos, é ampliar horizontes, é aumentar o domínio. Supõe, entretanto, necessariamente, que se abdique das certezas, que se assuma a própria ignorância, e que se disponha a habitar por tempo indeterminado a região da dúvida e do mistério.

O grau de tolerância a frustrações e ambigüidades requerido torna "o estudo" preterido pela maior parte da população, que prefere "a prática". Mas também a vocação para a biblioteca pode esconder um refúgio para o convívio com outras pessoas, de modo que é sempre perigoso, aqui como sempre, um diagnóstico apressado, ou um privilegiar de teóricos sobre práticos ou vice-versa. O ideal a ser perseguido, em nossa profissão, seria fazer da clínica uma inspiração para a teoria, e desta um guia mas também um desafio no consultório.

Isto porque o aprender deveria acabar resultando em algo mais que um acúmulo de conhecimentos e poderes: deveria acabar acarretando também uma mudança de perspectiva em relação ao objeto, ao ato de observar e ao próprio observador, seus limites, suas motivações, seus recursos. Caso isso não ocorra, em algum grau, por menor que seja, acredito que algo tenha saído errado no processo.

Investigar é partir para a conquista de terrenos ignotos, mas supõe que se abdique das certezas e que se habite a região da dúvida.

ser exercida de fora, por um outro que se especializou em desempenhá-la para outros. A escolha de tal especialidade - a investigação do humano em nossos semelhantes - deve, por certo, estar ligada a motivações muito peculiares que cumpre conhecer a cada caso.

De qualquer modo, o fato de escolhermos como objeto de estudo outro ser humano apresenta um efeito paradoxal. Ao mesmo tempo que torna a tarefa mais complexa, também oferece uma baliza, na medida em que ele pode corrigir ou referendar, colaborar ou se opor à investigação. Quais os motivos e objetivos de seu engajamento, ou de sua resistência, já é outra variável do processo, tanto quanto os do profissional.

pode ser atestado por provas ou testemunhos, perde o valor. O que importa é a fantasia.

Nesse terreno movediço tudo pode ser tudo, uma coisa pode apenas representar outra, e assim perder os contornos de objeto real, para ser apenas símbolo. Isso pode significar um ganho enorme em termos de poder e liberdade, uma vez que se desprende do jugo das coisas que caracterizam o reino da Natureza, e permite alçar vôo pelos céus do reino da Cultura, onde o pensamento reina soberano.

Mas nem por isso encontramos aí o paraíso que sonhamos ter perdido. A liberdade do pensar tem qualquer coisa de solidão, de impossibilidade de fixar raízes, de construir um lar. Fluxo contínuo,

É isso que me fascina na investigação do humano: a polissemia que se apresenta não só no objeto mas também no processo, de modo que ele pode se tornar uma ocasião de construção e crescimento não só em relação ao campo de estudo. O observado pode assim acabar se beneficiando em ter sido objeto da observação, aprendendo sobre si mesmo coisas que antes não teria tido a idéia ou a coragem de interrogar. Mas o pesquisador também pode crescer junto, deixando a ilusão de neutralidade e se mirando no espelho do semelhante e/ou observando seu próprio envolvimento com a questão proposta, e assim pegando o gosto pelo pensar e suas possibilidades de desenvolvimento.

E isto devido ao método psicanalítico que, longe de colocar uma distância ascética entre os dois participantes da investigação, antes os integra num mesmo vínculo, numa mesma relação, num mesmo jogo de transferência e contratransferência, onde a emoção rola de um polo a outro, embora com formas e utilizações diferentes. Pois eu não creio que se possa fazer psicanálise mantendo-se alheio como um cirurgião, sem se deixar queimar pelo fogo das paixões que o analisando atea no relacionamento. Deixar-se incinerar com elas já seria outro problema.

Penso, no entanto, que, para o tema aqui em desenvolvimento, focalizando a transmissão da função psicanalítica, mais importante que as características e motivações de quem assume os papéis de professor e de aluno é, claro, a relação estabelecida entre ambos, e também a de cada um deles com a instituição que os abriga. Em outras palavras, sem alunos não há professores e vice-versa. Não é, porém, a *existência* de tal vínculo, mas a sua *qualidade* e sua inserção no contexto institucional que neste momento estão merecendo nossa atenção. Porque, para continuar pensando em termos de polarização, vemos

diferentes tipos de alunos condicionando/condicionados por diferentes tipos de professores.

Adepto, é como chamo o primeiro tipo, que se caracteriza por um investimento religioso à procura de um *Mestre* que encarne, sozinho, a concentração do saber psicanalítico. O Mestre pode ser constituído por uma única pessoa ou por toda uma Escola: o que importa é a unidade e a coerência de pensamento. Porque esta unidade e esta coerência, embora frágeis, sustentam a fantasia do encontro da *verdadeira Psicanálise*, e protegem,



A diversidade
interna da
Psicanálise atual
obriga a estabelecer
critérios próprios de
escolha.

portanto, da angústia de se deparar com a atual diversidade de técnicas, teorias e "leituras de Freud". Tal diversidade obriga ao pensamento crítico, ao estudo comparativo e ao estabelecimento de critérios próprios para escolher em que posição situar-se. Isso em relação a qualquer texto ou autor, dentro ou fora da Escola adotada.

Situação delicada, especialmente na época em curso, quando há mais dúvidas que certezas, e a pluralidade de respostas para a mesma pergunta aumenta a insegurança. É confortável, então, eleger

um determinado pensamento como o mais próximo à Verdade, erigi-lo em dogma, com a dupla função religiosa de nortear o adepto e também identificar os "bons analistas" entre os demais.

A melhor função defensiva do dogma está, parece-me, no fato de aliviar o psicanalista da necessidade de pensar. Pois quem encontrou a Verdade já não se debate entre as diversas correntes, já não se perde entre concepções divergentes, já não se entrega à cansativa busca de referendar a relação entre a teoria e prática.

O avatar da função psicanalítica em que acredita faz tudo isso por ele. Resta-lhe seguir os sábios passos e beneficiar-se da segurança que recompensa o adepto. Em geral, não só conteúdo teórico e autores citados apresentam-se como questões resolvidas; também forma e estilo oferecem um modelo e distinguem um grupo de outro.

Nesta seita o signo diferencial está no estilo onírico, o encadeamento tipo associação livre, um certo toque enigmático. Outro grupo se caracteriza pela mostra de cultura geral, humor e liberdade de trânsito no mundo das idéias, quaisquer que sejam ou de onde quer que venham. Outros preferem ir direto ao assunto, sem labirintos teóricos ou injeções literárias, num contato direto entre o material e a intuição psicanalítica, sem maiores elaborações ou questionamentos. Outros ainda ...

Mas deixo ao leitor, se assim o desejar, prosseguir com as identificações dos grupos que povoam a agremiação a que pertence. O que interessa, aqui, é pensar os limites de nossa criatividade. Os limites emocionais, transferências, porque os intelectuais fogem de vez ao controle.

Não estou fazendo a apologia do *Rebelde* onipotente, aquele que critica tudo e todos, e não encontra nada que lhe mereça o investimento. Este antípoda do adepto também não está livre para pensar. Ambicio-

na recriar a Psicanálise a partir de si mesmo, sem reconhecer mestres e colaboradores: um avatar de Freud atualizado. Não pode receber, não pode gerar.

Tento focalizar a relação do psicanalista com a Psicanálise existente - um caso particular de como lidamos com os pensamentos transmitidos por outros. Porque, embora não esteja entre as coisas mais agradáveis da vida admitir isso, uma idéia nova significa um processo bastante complexo, que nem sempre podemos ou queremos abrigar, e que deixamos aos cuidados de uns raros que aceitam a tarefa, mesmo sem garantias de como recebermos o produto de seu esforço. A par disso, alguns dentre nós nos dedicamos a transformar as idéias que circulam em nossa cultura. E isso já é muito.

O grau e a qualidade das transformações variam muito, e a publicidade em torno desse fato também, assim como a maior ou menor facilidade do grupo em aceitar certas variações, que precisam se revestir das características compatíveis com o seu tempo e local. A grande maioria aceita as idéias vigentes sem muita crítica e mudança, passando-as às gerações seguintes quase sem alterações.

Existem razões de peso justificando a fidelidade às idéias que foram confiadas aos professores, com a missão de transmiti-las aos alunos sem adulterá-las. Existem, contudo, bons argumentos em favor de adaptações aos novos tempos, a elaborações, acréscimos e simplificações. Existe, especialmente, o convite a não deixar o pensamento estacionar, a levar o jogo de idéias avante, a renovar o conhecimento.

Tradição e revolução se encontram em permanente tensão nas instituições de ensino, com maior ou menor inclinação para um dos lados conforme as circunstâncias, e estas podem determinar, entre outras coisas, a popularidade de professores entre os alunos, que vão privilegiar

os professores que mais combinem com suas tendências, progressistas ou conservadoras.

É claro que uma revolução radical e súbita implica uma mudança por demais drástica para a maioria suportar, mas um conservadorismo por demais sólido pode prejudicar o grupo, ultrapassado por outras correntes que ousaram renovar.

Talvez fosse interessante lembrar como, na política como no ensino, quem prega mudanças mais radicais costuma angariar menos correligionários que aque-

tramos nos outros. Pesquisas sugerem que a criatividade não costuma ser benvinda, seja em professores, seja em alunos, a não ser que não participem de nosso cotidiano, podendo ser admirados à distância, sem comprometimento.

Considero que a cópia e a criação sejam inerentes ao pensar humano, mas que uma dessas atividades é adotada como o estilo prevalecente no relacionamento com as idéias. É, portanto, enquanto estilo e não enquanto mecanismo, que não creio ser possível começar com a cópia e evoluir até a criação:

Enquanto estilo - não enquanto mecanismo - não é possível começar com a cópia e evoluir até a criação: quem copia não cria.

les que defendem a manutenção da situação vigente, e isso independentemente de quais mudanças ou de quais situações vigentes se tratem.

De modo que pode ser útil, dentro de uma instituição de ensino, considerar também, entre outras variáveis, em que ponto esta se encontra na graduação entre estes dois pólos. Individualmente, tanto o professor quanto o aluno poderiam também ganhar ao fazer uma reflexão semelhante.

Dentro desta perspectiva, convém também nos inquiremos sobre a proporção de cópia e criatividade que estamos incentivando em nossos processos mentais e naqueles que, enquanto docentes, adminis-

quem copia não cria.

É preciso explicitar que estou usando o termo *cópia* para me referir a algo mais permanente e cristalizado, assim como uma atitude, uma postura habitual de encarar os ensinamentos, e ao mesmo tempo diferenciá-la do que já se estabeleceu chamar de *imitação*, uma fase comum nos processos de aprendizagem, onde um modelo é eleito e emulado até que se tenha incorporado a habilidade, quando então pode ser abandonado. A cópia não permite este gesto de independência, constituindo mesmo uma defesa contra este momento de solidão.

Isto não significa que seja sempre fácil imitar. Há quem apresente

dificuldades, como o Rebelde, com esta fase da aprendizagem, como se movido por uma exigência ou ambição de já ter estado desde sempre pronto, não podendo investir num modelo que revele, por existir como tal, a sua incompletude. E que desperte admiração e agradecimentos.

O que distingue, essencialmente, a cópia da imitação é uma qualidade temporal nesse investimento do modelo: a cópia investe "para sempre", aninhando-se confortavelmente numa ligação que apresenta várias vantagens secundárias, dentre as quais uma das mais importan-

que consegue ir além de sua disciplina e formar mentalidades, ou inovar, ou projetar seu nome na comunidade e, melhor ainda, no exterior, acabam por criar um espécie de aura, positiva ou negativa, envolvendo aprioristicamente suas ações.

Fora da instituição, o prestígio que a pertinência à mesma outorga é um fator de conseqüências práticas que mereceriam um estudo das apresentações e currículos, tanto do ponto de vista do profissional que é apresentado, quanto do público a quem se dirige. Porque o nome do

avatar seja capaz de infundir, por si só, o conhecimento em seus apóstolos.

Ter feito análise com Freud, estágio com Melanie Klein ou participado de seminários de Lacan costuma conferir à pessoa uma aura especial, que em geral demanda muitos desacertos se quiser ser desmentida. Caso a proximidade seja ou tenha sido com psicanalistas de segundo ou terceiro escalão, a aura reflete as gradações correspondentes. Em nosso país, que ama seu passado colonial, uma formação no estrangeiro basta para provocar esse efeito. De resto, a avaliação curricular costuma ser bem mais fácil que a atenção às idéias e posições assumidas. Isso não significa, é claro, que seja vã a busca de maiores luzes. Significa, apenas, que estas também devem receber uma análise crítica para não se tornarem dogmáticas.

Cumpra ainda distinguir cópia e *identificação*. A cópia é o procedimento típico do adepto; ele adere a um modelo e o reproduz sem crítica. Já a identificação se constitui em relação mais complexa, onde o *Aprendiz* metaboliza o transmitido e o adapta a suas próprias características, num processo mais de crescimento que de erudição. Quando o processo alcança uma certa fase de evolução, a identificação passa por uma crise e se torna em identidade. A relação receber/transformar prossegue, a colaboração oferecida levando a marca de contribuição pessoal, o que não significa isenta de influências, talvez reconhecidas e aceitas. O adepto jamais chega a isto: seu máximo ponto de evolução consiste na aplicação ou sistematização excelentes, porém sem alteração.

Penso que já se discutiu bastante sobre a forte pressão institucional no sentido de privilegiar a imitação e o condicionamento. Tem se falado menos, entretanto, sobre o outro lado: a recepção dessa pressão por candidatos e membros. Vemos nis-

Quando se analisam situações de aprendizagem, não se podem deixar de lado as questões de poder e de prestígio.

tes é a sensação de partilhar da mesma sabedoria e poder.

A pertinência a um grupo, a afiliação a um mestre, assumiram aqui aspectos mágicos, onipotentes, que perigosamente, porque impedindo a crítica, parecem confirmadas pela realidade ao acarretar conseqüências bastante práticas no meio, por exemplo gerando ou impedindo oportunidades profissionais.

A questão do poder não deve ser deixada de lado quando se analisam situações de aprendizagem, e essa questão apresenta diferentes faces, internas e externas à instituição de ensino, internas e externas em relação às pessoas envolvidas.

Dentro da instituição, o lugar ocupado pela pessoa, se de aluno, se de professor, e a maneira como é ocupado, se de aluno promissor, brilhante mesmo; se de um mestre

conferencista ou do professor chega antes de sua presença, de sua didática, de sua exposição, e determina primeiro a sua audiência e depois, seria interessante investigar de que modo e em que grau, a aceitação de sua fala.

Outra questão é a proximidade. Ter estado presente a uma conferência ou curso, ser discípulo regular, ou privar da intimidade de um nome famoso acabam por ser fontes indiretas de prestígio, e isso nos leva a um outro ponto interessante.

O poder no magistério não se apresenta apenas com sua face política, com sua capacidade de congrega maior número de pessoas em torno de seu nome e atuação, de granjear fama e reconhecimento. Existe também um outro lado, igualmente atuante, aparentada com a magia e a religiosidade. Falo da crença de que a proximidade do

so ocasião para um tipo de escolha, nem sempre consciente.

Mais confortável, claro, é colocar-se como Adepto. Este costuma ser mimado pelos companheiros e às vezes pela instituição a que pertence. As críticas não lhe dizem respeito pessoalmente, mas a seu grupo ou *Mestre*. O Rebelde já não merece tal privilégio, compensando-o a satisfação narcísica e o investimento na busca de adeptos próprios, ou pelo menos de apoio e admiração dos colegas. O Aprendiz enfrenta maiores pro-

professores podem ser tanto úteis quanto nocivos à formação do aluno, dependendo do modo como exercem a sua função, e, principalmente, com que finalidade. Em que grau estão voltados à doação à geração mais nova, ou exclusivamente dedicados à própria glória pessoal, costuma ser um fator mais importante que o estilo adotado, que pode ter vários e variados determinantes, entre os quais não se podem desprezar o brilhantismo intelectual e o magnetismo pessoal.

O mais provável é que uma

Se algo dessa atitude pode ter passado neste texto, deve-se imputá-lo às tendências humanas inerentes a tarefas e lugares psíquicos, como aquelas que pretendemos iluminar com estas reflexões. Seria mesmo didático, no sentido em que não tenho a intenção de denunciar erros ou ignorâncias, porém humanidades, isto é, situações típicas a nossa espécie, que nossa natural dificuldade de introspecção leva a ver apenas nos outros.

No nosso caso, estas tendências costumam ser observadas em pacientes, não em psicanalistas e suas instituições. Não em nosso próprio trabalho ou redação. Nadar contra a corrente, buscar no que fazemos os vestígios de que pertencemos à curiosa espécie humana, elaborar tais aspectos com a ambição de melhorá-la, parece-me ser um dos mais belos sonhos dos psicanalistas.

Preferi então não focalizar as metamorfoses da função psicanalítica, mas a conscientização de como se lida com a próprias tensões acumuladas interna e externamente, em função do estilos de se relacionar com a institucionalização da Função Psicanalítica.

Porque penso que esta conscientização merece um lugar nas preocupações de quem está envolvido na transmissão da Psicanálise, quer seja na posição de aprender, quer seja na posição de ensinar. Depois de Freud, afinal, estas duas funções já não se encontram assim tão discriminadas e passaram a merecer atenção enquanto vínculo humano.

Ou seja, enquanto mais um palco para a atuação de transferências e investimentos, podendo ser recíprocos, opostos e/ou contraditórios. A não ser que preferamos manter a transmissão da Psicanálise a salvo da peste que ela tenta disseminar, caracterizada por enxergar em qualquer ato humano, mesmo o mais simples e comum, mesmo o mais extraordinário, os efeitos do Inconsciente.

A conscientização da maneira pela qual se lida com as tensões interessa a todos os envolvidos na transmissão da Psicanálise.

blemas, uma vez que se responsabiliza por suas adesões teóricas e sociais, mas principalmente pela manutenção da independência no seu mesmo da afiliação.

Cumpra ainda abordar a posição do que ensina. Existem vários estilos possíveis, todos eles com seus méritos e deficiências, sendo escolhidos mais por afinidade com a personalidade do docente do que por eficácia pedagógica. Vou me limitar a falar de dois tipos, segundo a linha de pensamento adotada neste artigo.

Chamo de *Mestre* àquele cuja função didática se caracteriza pelo fato de arremeter discípulos em torno de si, que trabalham para a difusão de suas idéias e de seu nome. Chamo de *Professor* àquele que se dedica a trazer à tona, mais ou menos, a capacidade de pensar de seus alunos.

Mais uma vez, não pretendo estabelecer hierarquias. Mestres e

instituição de ensino tenha os dois tipos de docentes, e mais um outro, intermediário e majoritário, que cumpre bem o seu papel, embora sem se posicionar mais claramente em termos de irradiar idéias ou incentivar que outros o façam. É possível, também, um outro tipo de intermediário, que se dedique às duas tarefas com afinco.

Falta ainda ressaltar um ponto, que pode tomar este artigo mesmo como material de exame. Um perigo bastante comum a quem se aventura a diagnosticar uma pessoa ou situação consiste em assumir uma postura superior, distante, como se observasse de fora, sem nada ter a ver com o observado, o que facilita que possa dizer - ou ser ouvido como quem diz - afirmações moralistas com intenções corretivas. Nada mais longe de uma atitude psicanalítica.